



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CEDUC
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA- DG
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

INGRID ESTEVAM CORDEIRO DE SOUZA

**A IDENTIDADE CULTURAL DA CAVALGADAEM
SÃO VICENTE DO SERIDÓ-PB**

**CAMPINA GRANDE
2022**

INGRID ESTEVAM CORDEIRO DE SOUZA

**A IDENTIDADE CULTURAL DA CAVALGADA EM
SÃO VICENTE DO SERIDÓ-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico) apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729I Souza, Ingrid Estevam Cordeiro de.

A identidade cultural da cavalgada em São Vicente do Seridó-PB [manuscrito] / Ingrid Estevam Cordeiro de Souza. - 2022.

20 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde ,
Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Cavalgada. 2. São Vicente do Seridó - Paraíba. 3.
Geografia cultural. I. Título

21. ed. CDD 304.8

INGRID ESTEVAM CORDEIRO DE SOUZA

**A IDENTIDADE CULTURAL DA CAVALGADAEM
SÃO VICENTE DO SERIDÓ-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico) apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovada em: 27/07/2022

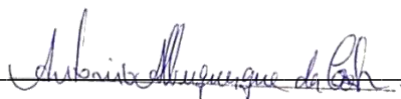
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Nathália Rocha Morais (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Sumário

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 10 |
| 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 10 |
| 3.1. Cultura e território..... | 11 |
| 3.2. A Geografia dos espaços sagrados | 12 |
| 3.3. Identidade e tradição | 13 |
| 4. RESULTADOS | 14 |
| 4.1. Caracterização geográfica do município | 14 |
| 4.2. Importância sociocultural da cavalgada para a cidade | 16 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 20 |
| REFERÊNCIAS..... | 21 |

A IDENTIDADE CULTURAL DA CAVALGADA EM SÃO VICENTE DO SERIDÓ-PB

Ingrid Estevam Cordeiro de Souza¹
Arthur Tavares Valverde²

RESUMO

Este trabalho analisa a festa da cavalgada de São Vicente do Seridó/PB a partir de um ponto de vista cultural. A Cavalgada de São Vicente, possui elementos e símbolos que remontam à uma história e são passíveis de um campo vasto de perguntas, questionamentos e análises, os quais lançam luz esta pesquisa, a importância da mesma para a sociedade local e da movimentação econômica produzida a partir do ponto de vista do turismo. Desse modo, o trabalho se baseia em uma pesquisa qualitativa que se orienta no método fenomenológico, assim, foi utilizado entrevistas com indivíduos estratégicos para compor este trabalho. Metodologicamente, a análise foi feita de forma conjunta das entrevistas, de modo que todas sirvam para um único propósito: de analisar os elementos culturais da cavalgada, explorando as peculiaridades de cada um destes indivíduos na composição final da narrativa. Teoricamente, o campo da Geografia Cultural subsidiou de forma privilegiada a nossa análise, abordando fortemente a identidade cultural, tradição e a religião. Solidificando a pesquisa, os resultados encontrados, mostram como o evento aborda tais aspectos como também interfere no cotidiano da população inserida na região.

Palavras-chave: Cavalgada. São Vicente do Seridó/PB. Geografia Cultural.

ABSTRACT

This work analyzes the cavalcade festival in São Vicente do Seridó/PB from a cultural point of view. The Cavalgada de São Vicente, has elements and symbols that go back to a story and are subject to a vast field of questions, questioning and analysis, which shed light on this research, its importance for the local society and the economic movement produced by from the tourism point of view. Thus, the work is based on a qualitative research that is guided by the phenomenological method, thus, interviews with strategic individuals were used to compose this work. Methodologically, the analysis was carried out jointly with the interviews, so that they all serve a single purpose: to analyze the cultural elements of the cavalcade, exploring the peculiarities of each of these individuals in the final composition of the narrative. Theoretically, the field of Cultural Geography supported our analysis in a privileged way, strongly approaching cultural identity, tradition and religion. Solidifying the research, the results found, show how the event addresses such aspects as it also interferes in the daily life of the population inserted in the region.

Keywords: Cavalcade. São Vicente do Seridó/PB. Cultural Geography.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: ingridcordeiro2711@gmail.com

² Graduado em Geografia/UECE, Mestre em Geografia/UFPE, Doutor em Geografia/UFPE. E-mail: arthurvalverde@servidor.uepb.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A Cavalgada do município de São Vicente do Seridó, localizado no seridó paraibano, apresenta um papel importante para identidade cultural de sua região. Para a referida cidade, a cavalgada é uma das principais suas atividades turísticas. Sua contribuição cultural representa a força da identidade de um grupo social comum na região: os chamados vaqueiros, que tem como fonte de renda o trabalho com os animais em meio ao bioma da caatinga espinhosa. O evento é uma importante festa tradicional no município, de modo que potencializa suas atividades econômicas, culturais e religiosas, incentivando assim, o crescimento do comércio local e regional, além do turismo.

A cavalgada tem como definição, pessoas montadas a cavalo em exibição cultural, à costume de passeio, podendo ser praticada por grupos de amazonas e cavaleiros de todas as idades. Dado a interesses cívicos, religiosos, de entretenimento ou esporte. Nas palavras de Silva (2012, p.13):

As cavalgadas são reconhecidas no Brasil desde o tempo dos tropeiros, durante o processo de ocupação de territórios, nos séculos XVII e XVIII. Essa atividade de características permaneceu nos estados, sobretudo em áreas de pecuária extensiva e onde o uso do cavalo faz parte do cotidiano, com finalidades religiosas e de cumprimento de promessa.

Na Paraíba, o litoral tinha como ativo a cana-de-açúcar e o sertão, a agropecuária. Assim, as relações de trabalho passavam de senhor de engenho e escravos, para fazendeiros e vaqueiros. Os vaqueiros ficavam responsáveis por administrar a fazenda e cuidar do gado, como identifica o autor:

A criação extensiva, com gado solto, não queria grandes cuidados, não necessitava de muitos braços. Por isso, nos primeiros tempos, era pequeno o número de escravos na região. A fazenda era quase sempre administrada por um vaqueiro que zelava para que o gado não extraviasse e não fosse dizimado pelas epizootias. O proprietário vivia geralmente na cidade ou engenhos da Mata. O vaqueiro providenciava a construção de cacimbas durante a seca e a condução do gado aos bebedouros, assim como cortava as "ramas", as cactáceas e as macambiras, alimentos que mitigavam a fome dos animais nos meses secos, quando não havia pastagem. Fiscalizava o gado no campo, ferrava, "assinalava", benzina em caso de doença e amansava os bois e burros. Às vezes, nas grandes fazendas, havia uma verdadeira equipe de vaqueiros, cada um com a sua especialidade, onde a existência do campeiro, do ferrador, do benzedor e do amansador. (ANDRADE, 1963, p.146)

Por meio do trecho, pode-se perceber a importância das funções do vaqueiro na época, atribuições essas que até hoje é em parte mantida na região. Evidenciando a notoriedade da função, foi criado pelo Congresso Nacional em 2003 a Lei 12.870 art.1º ficando reconhecida a atividade de vaqueiro como profissão. Apesar de que grande parte dos favorecidos/vaqueiros não possuem conhecimento sobre seus atuais direitos.

Essa situação nos proventos ocorre desde os primórdios, conforme acentuado por Correa, "O vaqueiro, que era o responsável pela fazenda não possuía salário em dinheiro. Sua remuneração correspondia a um quarto da produção da fazenda, pois cada quatro bezerros que nasciam, um lhe pertencia e os outros eram do proprietário."

(ANDRADE 1963, p.147). Analisando a partir do contexto, as situações de trabalhos se mantêm irregulares, em contraponto, a produção local é pequena e não possibilita aos fazendeiros ou criadores rurais proporcionar o salário mínimo para pagamento. Muitos trabalham em troca de: moradia, comida, ajuda financeira para o mercado, ou determinadas quantias de dinheiro.

Embora possuam uma vida árdua e trabalhosa, os vaqueiros também possuíam suas formas de festejar e alegrar seus dias, segundo Andrade (1963):

Fim de cada inverno, quando se costumava remeter ao mercado consumidor os animais gordos, os "boi do ano", reuniam-se os vaqueiros de várias sesmarias para apartar o gado, separando os animais de propriedade diversas e ferrando os novos. Essas reuniões, que eram chamadas de "juntas" ou "apartações", tornavam-se verdadeiras festas, pois reuniam vaqueiros das mais diversas procedências. (ANDRADE 1963, p.147).

O trecho evidencia que os vaqueiros de várias regiões se reuniam para celebrar quando o trabalho era assistido, os mesmo segundo aponta Andrade (1963, p.147) os animais tidos ariscos/bravos chamados "barbatões" na época, eram caçados em meio a caatinga e o vaqueiro que o pegasse ganhava fama e prêmios. Ainda é visto essas ações atualmente, onde, uma organização sugere uma data, prêmios e faz o convite aos vaqueiros para participarem. Esses eventos podem ser: vaquejadas, pega de boi no mato, corrida de argolinhas, prova dos três tambores, rodeio, etc., mas a que entra em destaque nesta pesquisa é a cavalgada.

A festa da cavalgada, em São Vicente do Seridó -PB foi criada por José Francisco de Alcântara(Figura1), nascido em 15 de agosto de 1938, conhecido popularmente como Zé Cupira, que, como um agricultor devotado à assistência dos animais, percebeu que na região havia grande quantidade de vaqueiro, e lugar propício à criação da cavalgada.

Na festa aqui analisada, a religião também exerce sua importância a partir da devoção dos caminhantes, que fazem o percurso em forma de agradecimento à Santa Nossa Senhora da Conceição (Figura 2), pela proteção dos vaqueiros em suas jornadas constantes em meio aos perigos na caatinga. Este agradecimento em forma de caminhada nos lombos dos cavalos tem como início do percurso a cidade de Cubati-PB, percorrendo a rodovia estadual 177, atualmente com mudança para a zona rural do município para o Sítio Serrana com destino a São Vicente do Seridó.

Transitando as principais ruas do município, ao som de cantorias realizadas pelos poetas regionais, com a imagem da Santa exposta na comissão de frente, tendo como finalização uma missa em sua dedicação. A maioria da população acompanha a cavalgada com a chegada do grupo na cidade, seguidos de adeptos à religião católica ou não. Ao fim do percurso da caminhada realizou-se a solenidade frente à igreja São Vicente Ferrer, situada na praça central da cidade.

A escolha pelo tema decorreu, em princípio, de uma percepção cultural da cavalgada em relação ao município e dos efeitos causados por cada lugar social. A cavalgada evidencia um olhar simples e encantador ao povo sertanejo, nordestino, além de evocar as tradições do cangaço. Estes elementos caracterizam uma identidade regional, personalizando o território e uma cultura pouco prestigiada por quem não conhece, mas que não pode ser perdida, devendo, assim, ser preservada.

O evento traz consigo uma valorosa carga sociocultural: cantorias criadas por poetas da região, proclame melódico ao préstimo do berrante, em meio efervescência montada a cavalo em trajes integralmente, produzida em couro, criado pelos artesãos da região, como capas, açoites, botas, etc. Por este cenário se apresenta em forma de devoção, no qual caminham com fé, agradecendo toda a salvaguarda. Concedida pela santa protetora dos sertanejos, Nossa Senhora da Conceição, os concedeu durante suas trajetórias e percursos em meio a condução de grandes quantidades de gado e equinos.

Os equinos se inserem enquanto meio de ganho de vida no interior, para sertanejos que amam o que fazem, em si uma formosura singela e valorosa de se observar, presenteando o evento e a cidade com participantes e turistas de todos os lugares, vangloriando o que um dia pode ser esquecido e, a festa, nesse sentido, não permite o esquecimento, mas salvaguarda a tradição.

Acreditamos que a presente pesquisa pode demonstrar e dar publicidade à beleza contida no evento e dos benefícios que este traz ao município: o apego à identidade cultural e religiosa, o sentido econômico, a partir, sobretudo, dos comerciantes e artesãos, além do destaque ao município como incentivador da identificação de um grupo importante na sociedade brasileira enquanto grupo cultural e regional.

O evento teve início em 2007 e atualmente está na sua(14^o) edição, sendo uma atividade muito esperada na região pelo seu significado enternecedor. A deambulação religiosa é realizada no mês de dezembro, tendo como foco a devoção pela Santa Nossa Senhora da Conceição, considerada a santa protetora dos sertanejos.

Antes de um fomento econômico, a festa em si, responde a uma intersecção muito forte entre passado e presente. Neste sentido, de acordo com Giddens (2000, p. 56-57), a festa é considerada “uma tradição na medida em que o passado estrutura o presente através de crenças e sentimentos coletivos e compartilhados”. Desse modo, a festa possui objetos partilhados entre a população, gerando um entrelaçamento entre gerações, que observam e futuramente por indução cultural poderá fazer parte, mantendo um ciclo.

Economicamente falando, parte da economia do município tem como destaque a agricultura e a pecuária, estabelecendo assim uma conexão com o evento da cavalgada, que propicia uma relevante movimentação no comércio local e circunvizinho, como os municípios de Soledade e Cubati, além da contribuição da confecção de produtos de couro, como calçados, vestuários típicos dos cavaleiros e amazonas, bem como equipamentos para os equinos, gerando uma intensificação na atividade do artesanato no território e na região do Seridó. O evento conta com o patrocínio dos comerciantes locais para divulgação, em virtude da exposição de suas logomarcas utilizadas em associação com o incentivo da cultura do município.

Mais um impulso na economia é a atividade turística, que é gerada através de migrantes para a cavalgada. Vaqueiros de várias cidades da Paraíba e até de outros estados, como Pernambuco e Rio Grande do Norte, participaram do evento, fazendo acontecer um fluxo de consumo e aumento de hospedagem na região e no entorno, ativando, assim, um desenvolvimento positivo. conforme apontado por Vecchiatti (2004, p. 94):

Assegura que pensar na cultura como fator de desenvolvimento significa valorizar identidades individuais e coletivas, promovendo a coesão em comunidades levando em consideração que as características da cultura podem ser um fator de crescimento em determinada região.

Conforme Vecchiatti 2004, é possível compreender a cultura enquanto fator real de desenvolvimento regional, a partir de sua conexão com a sociedade que a apresenta de forma produtiva e cultural, ativando uma proporção econômica lucrativa, turística, esportiva e com base no entretenimento obtido por meio dos eventos.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A primeira etapa desta pesquisa compreende uma pesquisa bibliográfica, a partir da revisão e análise de trabalhos desenvolvidos sobre a temática, bem como autores que discutam a relação entre a cultura e seus aspectos de identidade social, como a exemplo: Giddens, Sack e Castells que enfatizam em suas falas e textos sobre a importância da cultura para um fortalecimento de uma identidade.

Segunda etapa abrangeu a formação das perguntas para entrevistas, analisando por quais caminhos as questões poderiam levar a pesquisa. Assim as entrevistas tiveram a finalidade de obter informações e detalhes sobre o local de pesquisa, a característica peculiar que existe, advinda do modo de vida que levam, a partir da influência climática e social, bem como a característica da cavalgada desde o seu início, até detalhes do evento, a desenvoltura cultural e os aspectos econômicos, no intuito de comprovar ou não as hipóteses e alcançar os objetivos propostos. As mesmas foram elaboradas a fim de buscar respostas mais complexas dos entrevistados, não apenas informativas. Visando identificar contextos culturais, históricos, geracionais, econômicos, artesanais e turísticos.

Terceira etapa concebeu na leitura e interpretação das fontes orais, obtidas por entrevistas com participantes do evento, como os vaqueiros do município, o fundador e organizador do evento, comerciantes e a população em geral. De acordo com Duarte (2005 *apud* Frey, 1994, p. 361), a metodologia oral “é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana”. O método que delineou nossa abordagem foi fenomenológico-hermenêutico, que pressupõem a comprovação ou não das premissas previamente construídas em relação aos dados qualitativos da entrevista e pesquisa bibliográfica. O método adotado pressupõe a confirmação ou não de hipóteses previamente construídas a partir dos discursos obtidos através das entrevistas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico utilizado se baseia em autores que discutem os conceitos de cultura e território, analisando como estes conceitos estão interligados. Baseou-se, ainda, no campo da Geografia dos espaços sagrados, que propõe pensar na construção dos espaços a partir de uma perspectiva religiosa, ou que religa à religião. Seguiu apropriando ainda dos conceitos de identidade e tradição, que, quando em associação, permitem pensar na construção de identidades a partir de uma tradição pré-existente na qual o indivíduo se identifica.

3.1. Cultura e território

Este projeto se baseia nos aportes da Geografia cultural, investigando a importância sociocultural da cavalgada para o município de São Vicente do Seridó-PB. Conforme destaca Sack (1986, p. 119-120),

Assim como a cultura, a tradição e a história medeiam a mudança econômica, também medeiam o modo como as pessoas usam a territorialidade e o modo como elas valorizam a terra. [...], a partir deste pensamento podemos obter que a cultura e economia interferem na mudança dos espaços que estão inseridos, e o valorizam.

Perceber-se que a cultura sertaneja no município evidencia tal pensamento, pois, a partir da integralidade da população inserida mostra como o evento se faz importante nas raízes culturais de um povo.

Para o referido autor, território seria "a tentativa de um indivíduo ou grupo de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, delimitando e afirmando o controle sobre uma área geográfica" (SACK, 1986, p.19). Dessa forma, cabe a influência que o evento traz ao território, de modo que possa entrelaçar as relações sociais, viabilizando a construção ou reafirmação de uma identidade ameaçada pelo esquecimento. Segundo Santos (2000, p. 18):

O conceito de cultura está intimamente ligado às expressões da autenticidade, da integridade e da liberdade. Ela é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro desejado. Por isso mesmo tem que ser genuína, isto é, resultar das relações profundas dos homens com o seu meio, sendo por isso o grande cimento que defende as sociedades locais, regionais e nacionais contra ameaças da deformação ou dissolução de que podem ser vítimas. Deformar uma cultura é uma maneira de abrir a porta para enraizamento de novas necessidades e a criação de novos gostos e hábitos, subrepticiamente instalados na alma de povos com o resultado final de corrompê-los, isto é, de fazer com que reneguem a sua autenticidade, deixando de ser eles próprios.

Partindo dessa afirmação, é notável que a influência da cultura para um território pode delinear um futuro, como a continuidade de uma tradição passada de geração para geração, desde que os manifestos culturais que representam uma tradição sejam recuperados.

Portanto, o conceito de cultura passa por uma construção de práticas socialmente reproduzidas em um espaço comum. Por se tratar de um conceito multiforme e ramificado, nos apropriamos do conceito de cultura sertaneja para construção do nosso trabalho, ou seja, práticas socialmente reproduzidas em um recorte mais específico. De acordo com Ribeiro (1995), o conceito de "cultura sertaneja" pode ser analisado como um entrelaço às práticas culturais. Conforme o autor, a cultura sertaneja pode ser compreendida:

Por sua especialização ao pastoreio, por sua dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida na organização da família, na estruturação do poder, na vestimenta típica, nos folguedos estacionais, na dieta, na culinária, na visão de mundo e numa religiosidade propensa ao messianismo (RIBEIRO, 1995, p. 338).

Desse modo, o termo “cultura” se apresenta de forma diversa e plural, abrindo espaço para vários campos de pesquisa e análise, a exemplo do conceito de cultura sertaneja, conceito apropriado para vincular o espaço da pesquisa e as práticas sociais dos envolvidos.

3.2. A Geografia dos espaços sagrados

De acordo com Rosendahl (1996), o sagrado surge em contraponto ao profano, como uma necessidade de separação daquilo que é profano e a dependência exclusiva do sagrado. Em nosso objeto de estudo, essa prerrogativa fica exposta em todo o momento do evento, a partir da figura da Santa na construção imagética da festa e na devoção dos cavaleiros. Para a autor ao lugar sagrado se apresenta para além da devoção, mas na gratidão às benesses e à força divina que fortalece o homem ordinário em suas caminhadas da vida.

Segundo a autora, “o espaço sagrado e o espaço profano estão sempre vinculados a um espaço social” (ROSENDAHL, 1996), o que significa dizer que a cultura constrói as territorialidades. Experiências das cidades modernas podem levar ao enfraquecimento do lugar da religião na sociedade, da influência que ela exerce, conforme destaca Berger (2000, p. 10), que “a modernização leva necessariamente a um declínio da religião, tanto na sociedade quanto na mentalidade das pessoas”. Neste sentido, a festa enquanto manutenção e resgate de uma tradição funciona enquanto elementos que não permitem que a religião e a tradição morram.

Outra recuperação histórica a respeito do lugar da religião na cultura ligada ao território está na compreensão de Souza (2013, p. 42), de que “a religião do sertanejo privilegia antes a dor que a alegria”. Este pressuposto resgata o lugar do catolicismo popular muito presente nos tempos do Padre Cícero de Juazeiro, no qual a recuperação histórica da dor na vida do indivíduo é um sinal de uma vida, cristão, de que mais vale uma riqueza no céu que na terra. Tal recuperação se vincula diretamente na vida dos cavaleiros, que, sozinhos, viajam nos lombos dos cavalos, a partir de todo um imaginário de desbravamento e sobrevivência, mas primeiro de sujeito ativo diante das condições naturais. Assim induz o lugar da Igreja, nesse contexto:

Faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (ELIADE, 1992, p. 19).

Dessa forma, a Igreja exerce a influência de um lugar de sacralidade, o ponto de chegada, simbolizado na caminhada que a tem enquanto ponto de chegada, representando todo o lugar que a religião exerce para aquele povo. Para além do elemento simbólico, a religião se associa ao turismo, à economia, à cultura e à sociedade para a formação do contexto cultural, econômico e simbólico do evento. No caso do nosso objeto de pesquisa, a festa tem a presença da religião, da cultura e do turismo, cruzamento esse que promove discussões, como a dos interesses envolvidos

da Igreja sobre essa festa e a economia se apropriando de um evento cultural.

3.3. Identidade e tradição

O conceito de tradição pode ser interpretado a partir de diversas prerrogativas, com explicações na História, Geografia, Filosofia, Sociologia, etc., entretanto, a concepção de tradição de Giddens (2000) em muito orienta a nossa análise. Para este autor, a tradição consiste no passado estruturando o presente. Para Castells (1999, p. 22), identidade seria "a fonte de significado e experiência de um povo, com base em atributos culturais relacionados que prevalecem sobre outras fontes [...]. A construção da identidade depende da matéria-prima proveniente da cultura obtida, processada e reorganizada de acordo com a sociedade".

Ou seja, a identidade se insere enquanto um elemento que atua antes da ação dos indivíduos, uma tradição arraigada nas identidades de forma indissociável, na qual os indivíduos crescem e reproduzem os modos de ser, viver e fazer, que se associam às tradições que compõem a identidade daqueles indivíduos.

Desse modo, a festa é a congregação destes elementos: tradição, identidade e cultura, traduzidos nos elementos que compõem o "todo" da festa. De acordo com Castells (1999), a festa legitima esse passado, essa tradição, essa história lembrada para não morrer, apontando para uma autenticidade e essência que deve ser lembrada, mantida e vivida em meio ao mundo contemporâneo moderno.

Capistrano de Abreu (1998), batizou o que se chama de "civilização do couro", ao dedicar seus estudos à formação social do Brasil a partir da interiorização do país. Para este autor, a chamada "civilização do couro" se refere a um grupo social que vive da agropecuária não somente com o sentido econômico de subsistência, mas de vida, de existência. Para este autor:

De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz (ABREU, 1998, p. 135).

Portanto, o couro faz parte da vida do indivíduo em vários sentidos, como uma conexão de vida:

De passagem fique notado que também aqui houve uma época do couro. Dormia-se ao relento: os aperos do animal serviam de leito. Estendiam por terra a grande peça chamada carona, o lombinho substituía o travesseiro, sobre a carona punham o pelego e por cima de tudo deitavam-se embrulhados no poncho e de cabeça descoberta (ABREU, 1998, p. 211).

Para Barreto (1983, p. 27), "o couro é, portanto, um elemento de identificação (...). Toda a indumentária do vaqueiro e do cavalo traz aos nossos olhos, o valor que representa o couro". De acordo com Cascudo (2012), ser vaqueiro é ser:

Pastor de gado, guarda das vacas; (...) figura central do ciclo pastoril. Sua atividade determina-lhe o individualismo arrogante, autonomia moral, decisão nos atos e atitudes. É o clima ideal para o cantador de desafios, o cangaceiro afoito, o valente defensor da propriedade confiada à sua coragem solitária (CASCUDO, 2012 p. 713).

É possível compreender a cultura enquanto fator real de desenvolvimento regional, a partir de sua conexão com a sociedade que a apresenta de forma produtiva e cultural, ativando uma proporção econômica lucrativa, turística, esportiva e com base no entretenimento obtido por meio dos eventos. Conforme apontado por Vecchiatti (2004, p. 94):

Assegura que pensar na cultura como fator de desenvolvimento significa valorizar identidades individuais e coletivas, promovendo a coesão em comunidades levando em consideração que as características da cultura podem ser um fator de crescimento em determinada região.

Portanto, a construção de uma identidade junto à tradição fomenta a percepção da festa da cavalgada estudada por esta pesquisa como uma continuidade e imortalidade de algo maior que uma simples festa, uma continuidade existencial de algo subjetivo em relação a algo amplo – a tradição, a partir do reconhecimento dos indivíduos do meio que nasceu e qual função exerce nesse meio. É que a cultura pode ser um real provedor de crescimento por meio da valorização da identidade, através do artesanato e do turismo.

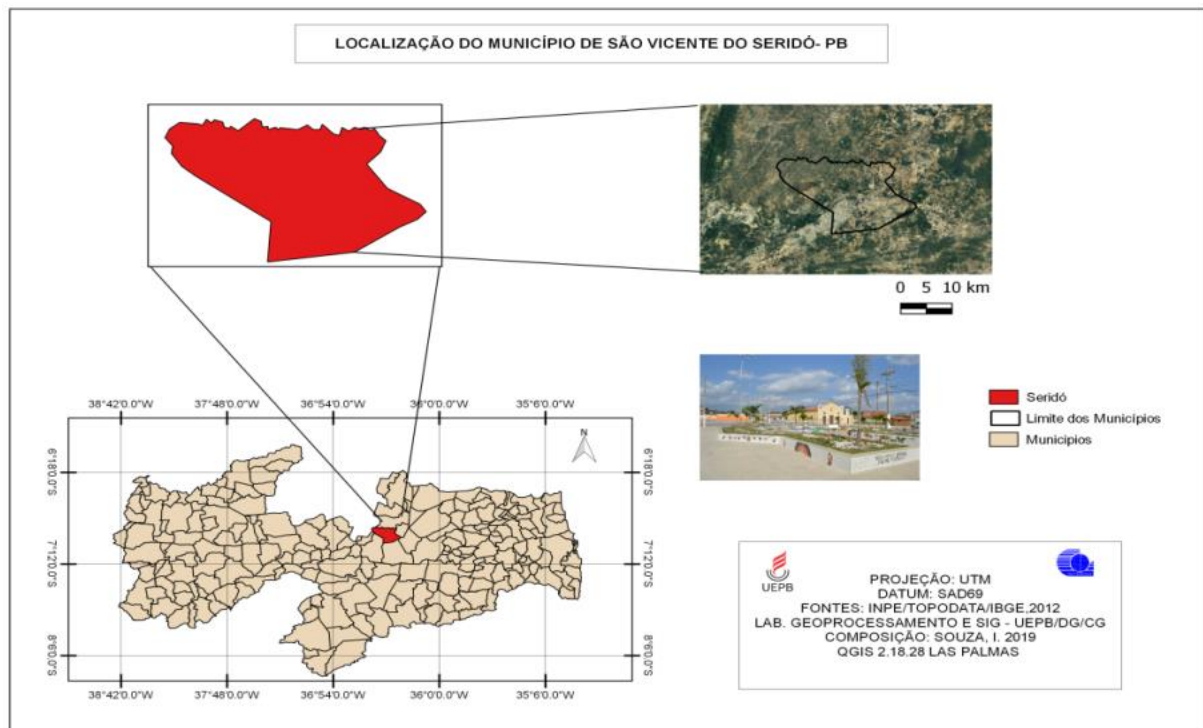
4. RESULTADOS

4.1. Caracterização geográfica do município

São Vicente do Seridó, município localizado na região do Seridó Oriental Paraibano, se encontra a uma distância de 200 km da capital João Pessoa e a 72 km de Campina Grande. Sua população é estimada em 10.848 habitantes (IBGE, 2020), com densidade demográfica de 37,00 hab./km² (IBGE, 2010), compreendendo uma área territorial de 262,751 km² (IBGE, 2020), limitando-se ao nordeste com município de Cubati-PB, ao sudoeste com Juazeirinho-PB, ao leste com Olivedos-PB, ao norte com Pedra Lavrada-PB, ao sul com Soledade-PB e ao noroeste com Parelhas-RN.

O município integra a área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Educação Nacional pelo baixo índice pluviométrico, pelo alto índice de aridez dos solos, pelo risco de seca e pela ausência de políticas públicas efetivas para o homem do campo, fator que tem contribuído para o êxodo rural do município.

Figura 4 - Localização do município de São Vicente-PB



Fonte: Ingrid Souza(Laboratório UEPB, 2021)

Conforme afirma Pessoa (2003), " a formação da Vila de São Vicente do Seridó, no início do século XX, teve forte influência dos tropeiros". As atividades econômicas de subsistência na localidade como o comércio e a agricultura dependiam dos tropeiros para seu desenvolvimento, especialmente nos períodos de seca. Obtinham relevante importância para o comércio regional a partir da exportação de algodão e sisal para outros países. Entretanto, atualmente, não se produz mais para exportação, e sim, exclusivamente para consumo da população local, como a pecuária e a agricultura de subsistência.

A economia da cidade se compõe em torno do serviço público municipal, proveniente da prefeitura e estado. Em seguida, se destaca o comércio de animais, como bovinos, caprino e suínos, seguido de frutas, verduras e o artesanato de argila e de objetos de couro.

A taxa de analfabetismo no ano 2000 estava em 15% para a população entre 15 e 24 anos de idade, caindo para 4,9% no ano de 2010, de acordo com dados do IBGE. Para a faixa etária entre 24 e 59 anos de idade, verificou-se uma taxa de 38,7% em 2000, caindo para 24,5% em 2010. Para o grupo de maiores de 60 anos de idade, verificou-se um percentual de 64,6% no ano 2000, caindo para 53,9% em 2010. Para a população, em geral, essa taxa caiu de 34,7%, em 2000, para 22,9%, em 2010, ainda de acordo com o IBGE. Percebe-se, portanto, uma queda considerável nos índices de analfabetismo.

4.2. Importância sociocultural da cavalgada para a cidade

Ao se falar no termo “sociocultural” admite-se a junção de dois elementos, que estão juntos por uma razão: não há como separar sociedade de cultura, pois, a sociedade cria a cultura, que, por sua vez, recria a sociedade (WAGNER; MIKESSELL, 2007). Desta forma, em toda sociedade pode-se observar uma, ou várias culturas simultaneamente, por vezes dialogando entre si, a exemplo da música, nas quais músicas antigas coabitam com músicas novas, semelhantemente às formas de se vestir. Portanto, cultura acaba sendo um conceito plural (SANTOS, 2000).

Figura 1: Fundador do evento



Fonte: Acervo de Otiniel Pessoa (2014)

A partir disso, a cavalgada enaltece uma tradição cultural específica, de um tempo próprio, do Nordeste rural e do couro, da chamada “civilização do couro”. Neste sentido, de acordo com uma professora da cidade entrevistada, a importância sociocultural da cavalgada para a cidade traz um “resgate da cultura nordestina e enaltece a cultura do vaqueiro”. Para a professora entrevistada, a festa, além de servir como um elemento de conexão com a tradição, ainda enaltece o turismo da cidade, afirmando ainda que, com o fim da cavalgada, a consequência ao município seria “a desvalorização e a perda do que retrata a cultura nordestina”

Figura 2: Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Acervo de Otiniel Pessoa (2014)

Para um vaqueiro da cidade, a “cavalgada é a coisa mais importante [...], é onde nós ‘faz’ o divertimento, conhece os ‘amigo’, junta todo mundo, coisa muito bonita a cavalgada”. Ao ser questionado sobre as novas gerações seguirem essa herança do vaqueiro, ele é enfático ao afirmar que:

É “pra” seguir, eu “mermo”, meus “fi” eu quero que prossiga meu trabalho de vaqueiro, meu trabalho de vaqueiro, eu... porque é uma coisa muito bonita, não pode acabar não a cultura, rapaz, isso é uma cultura bonita a cavalgada, o vaqueiro, é uma coisa muito importante.

A fala acima sugere pensar na tradição enquanto continuidade obrigatória, como honra e orgulho de ser o que é, o que o pai foi. Não somente a continuidade, mas a cavalgada enquanto “a coisa mais importante”, traduzindo a cavalgada não somente enquanto um evento cultural, mas uma conexão, um ritual simbólico com o que se nasceu para ser e o que morrerá sendo.

A professora destaca que a cavalgada possui um ritual simbólico em suas etapas, assim “a população se reúne no ponto de partida, seguindo a caminhada com cavalos e a imagem da representação de Nossa Senhora da Conceição, e, se encerra com a Santa Missa”. Ou seja, uma caminhada com um fim: a bênção de Deus, sugerindo Deus como o fim da vida e o principado da bênção.

Figura 5 – Fim da cavalgada: Missa



Fonte: Blog Leo Modesto (2012)

Entretanto, essa perspectiva é ponderada por um padre da cidade, o qual destaca que:

A intenção seria, ou é, rezar por aqueles que estão vivenciando essa realidade como vaqueiro, é tanto que muitos usam a imagem de Nossa Senhora Aparecida como padroeira. A intenção é promover a devoção à Nossa Senhora Aparecida por meio dos vaqueiros, esta é a intenção. Infelizmente não é bem isso que nós observamos, mas a intenção primeira é essa.

Figura 3: Missa dos vaqueiros em frente à Igreja Católica



Fonte: Acervo de Otiniel Pessoa (2014)

Concluindo, o padre destaca que “as pessoas que ali estão nem todas estão abertas para viver uma espiritualidade dentro daquilo que eles almejariam”. Contudo, ao ser questionado sobre a importância cultural da festa, o padre reconhece que:

Relacionado à cultura é sumamente importante, importante a gente promover momentos culturais, momentos que manifestem essa alegria dentre os povos. E a cavalgada promove essa alegria dentre os vaqueiros, [...] dentro da realidade cultural é algo benéfico, é algo que vai promovendo o envolvimento de grupos de pessoas de diversas classes dentro de uma realidade específica que é a cavalgada.

Figura 6 – Santa à frente da cavalgada



Fonte: Blog Leo Modesto (2012)

Do aspecto econômico, de acordo com um comerciante local, a festa “aumenta mais as vendas porque na cavalgada o pessoal procura os arreios, as coisas para cavalo, forro... a venda aumenta mais, o gibão de couro, aquela bota de couro”. Para o comerciante, a cavalgada “gera renda para o comerciante [...], mantém a tradição e a cultura”. Portanto, acrescenta-se o fator econômico secundário ao interesse da festa, mobilizando, assim, outros setores que são alcançados com o evento.

O turismo torna-se, portanto, um elemento passível de análise, a partir da movimentação que a cidade produz na época da festa. De acordo com o criador do evento, participam pessoas oriundas de Pernambuco, Campina Grande, Lagoa Seca, Equador, Juazeirinho, Junco, Carnaúba dos Dantas, Picuí e Baraúnas.

A respeito da permanência da cultura e da renovação desta, destaca-se a continuidade geracional, conforme destaca o criador do evento: “depois que eu comecei a cavalgada, eu vejo tanto rapazinho novo, tanta criança, com um maior prazer de andar a cavalo”. O comerciante acrescenta, afirmando que a cultura está se mantendo, na medida em que pessoas mais jovens estão comprando os adereços, mantendo, desta forma, a tradição.

Portanto, o significado sociocultural que a festa representa para a cidade reflete também na economia, na qual recebe impulsos com os significados atribuídos a elementos comerciais, como o couro.

Os elementos simbólicos da festa estabelecem um diálogo com toda a tradição que carrega o evento, sendo um ponto de conexão entre o passado e o presente. A exemplo, a respeito do couro, o criador do evento destaca que, para ele, “é tudo no mundo, eu ‘tano’ ancorado no meu cavalo, ‘pra’ mim eu ‘tô’ rico [risos]”. Esse ponto de conexão se soma a elementos novos e, por vezes, sem um significado profundo, a exemplo das bandeiras à frente da cavalgada, as quais o criador do evento, com bom humor, afirma: “fui eu que inventei ‘pra’ ficar mais bonito [risos]”. Portanto, o couro para esses indivíduos são um símbolo existencial, de conexão com uma cadeia de significados que compõem a construção de suas identidades.

Figuras 7 e 8 – Representação do couro e bandeira à frente



Fontes: Site Cavalgada Agricultor e Blog Leo Modesto

Em entrevista com um vaqueiro da cidade, quando questionado sobre os elementos materiais da festa, o mesmo destaca que “as ‘vestimenta’ de couro é muito importante ‘pra’ nós que ‘corre’ no mato, né... proteger ‘noi’ dos espinhos, das ‘guerra’ de pau, dos ‘strep’, não se ‘ranhar’, é uma coisa muito importante”. Sobre a guarda da santa na caminhada, o vaqueiro afirma que “é porque a santa vai protegendo [...], é a padroeira”.

A respeito da imagem da santa, o padre afirma que:

é uma forma deles terem essa devoção à Nossa Senhora por meio de uma manifestação religiosa [...]. Lembrando que muitos que ali vão infelizmente não buscam essa devoção de forma tão firme, tão segura, é tanto que quando

nós celebramos... quando se celebra uma missa ou alguma bênção muitos nem têm uma atenção especial para com o que está sendo celebrado.

Portanto, têm-se duas perspectivas que, apesar de parecer, não são conflitantes – a do padre, que possui uma visão crítica a respeito da utilização da santa, apesar de não ser contra, mas, ao contrário disso, participa da cavalgada quando dá sua bênção na missa; a outra visão é a do vaqueiro, que, em sua cosmovisão, percebe a santa como o elemento máximo de proteção e defesa, defesa essa a qual a masculinidade destes próprios vaqueiros não seria capaz de fazê-lo, isso pela crença soberana do divino.

O couro e a religião são pontos distintos, mas que se ligam através da cultura. Ambos evidenciam a forma de ser de um indivíduo: um com representação material exterior, a partir de símbolos e vestimentas, exibindo a representatividade visual do sertanejo; e a outra com uma configuração interior, da fé contida em cada um, a qual o vaqueiro tem sua forma de expressar em sua vida, tal qual o padre. Esse pluralismo, enriquece a cultura, pois a mesma é dada a partir de diferenças e valorização de saberes por grupos sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente pesquisa, constatou-se que uma festa tradicional de uma cidade ultrapassa os limites meramente turísticos, mas remonta a uma história e tradição, que são lembradas pelos envolvidos e, até mesmo pela sociedade que, inconscientemente, lembram e cultuam uma certa história que está intrínseca no ritual da festa e nas suas simbologias, representações e elementos.

As entrevistas apresentaram pontos de vista que se complementam ao serem analisadas em conjunto, como uma história única: o criador do evento, sendo também vaqueiro, oferece uma dupla visão do evento – como criador, apresentando a história do evento e suas próprias percepções deste e, como vaqueiro, oferecendo a visão do que a festa serve para ele enquanto um dos vaqueiros que ali estão.

A entrevista com a professora apresenta, por sua vez, a percepção de uma detentora do conhecimento e do que a festa resgata em termos históricos e culturais da cidade e, como alguém que convive diariamente na cidade, apresentando uma visão ampla do que a festa representa para a população.

A entrevista com o comerciante apresenta aspectos, por sua vez, econômicos e do tempo que move a cultura. Apesar de não dissertar sobre isso, é possível sugerir com sua fala e, confrontando com os outros materiais da pesquisa, que a cultura faz um movimento de renovação geracional ao vender o couro para os antigos e para os mais jovens, ultrapassando os limites da economia, mas do tempo cíclico da cultura.

A entrevista com o vaqueiro, por seu turno, apresenta o que de fato representa a festa para o seu maior público-alvo – os vaqueiros, um momento de conexão com o que se é, com os antepassados, com os costumes e com a tradição, não de forma definida cientificamente, ou cientificamente explicada, mas de forma completamente inconsciente cientificamente, mas plenamente consciente em termos de essência do “ser”, do que se nasce, daquilo que se vive e pelo que se morre, algo mais profundo que apenas uma cultura, mas o que eles de fato se definem e julgam ser o suficiente.

A entrevista com o padre, por sua vez, apresentou uma versão conflitante, apesar de não se opor em nenhum momento à festa, mas por fazer aquilo que seria natural, pela sua formação e vida, do mesmo modo que o vaqueiro é um vaqueiro, ele é um padre, é sua essência e o seu “ser”, portanto, sua percepção estará sempre ligada ao que ele é, a sua visão estará naturalmente condicionada ao seu modo de perceber as coisas através do que ele é um padre. Portanto, suas críticas são baseadas na sua cosmovisão, na sua fé.

Por fim, a partir da pesquisa é notável que a população não tem uma consciência técnica sobre a ramificação da cultura e o molde dos costumes sobre suas ações, por ser tão normal entre todos, acaba por imperceptível, pois vivem dessa forma. Saem a lazer para eventos que quase todos envolvem cavalos, os que não trabalham propriamente como vaqueiro tem amigos e familiares que sim, suas vestimentas a couro se tornaram normais na visão da sociedade interiorana, e as cantorias típicas servem como diversão e distração.

Entretanto, a tradição e o costume devem espelhar isso. O enraizamento recôndito da cultura, por ser do cotidiano, habitual, costumeiro, faz-se, para quem vivencia, imperceptível. Isso se torna positivamente significativo, na medida em que mostra que a cultura histórica se faz presente. Não obstante, também é negativo, a partir da visão de que os próprios grupos podem não dar o valor necessário à sua tradição sertaneja, advinda de gerações, e que merece reconhecimento perante toda a sociedade. Dessa forma, faz-se mister a presente pesquisa, a fim de mostrar, a leitores empíricos e científicos, a importância da identidade cultural da cavalgada em São Vicente do Seridó-PB.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. C. de. **Capítulos de História Colonial: 1500-1800**. Brasília: Editora do Senado, 1998.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A Terra e o Homem no Nordeste*. 1º Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.

BARRETO, J. R. P. **A linguagem do vaqueiro: Aspectos sintáticos e estilísticos**. Recife, PE: Editora Universitária da UFPE, 1983.

BERGER, P. L. A dessecularização do mundo: Uma visão global. In: **Religião e Sociedade**, v.21, Rio de Janeiro, 2000.

BRASIL. **Lei nº 12.870, de 15 de outubro de 2013**. Dispõe sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro. 2013. Disponível em :<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=12870&ano=2013&ato=674k3ZU50MVpWTdb3>. Acesso em: 16/05/2022.

CASCUDO, L.da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12ª ed. São Paulo: Global, 2012.

CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, sociedade e cultura**. 3.vol. São Paulo: Paz e terra, 1999.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrolo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000.

PESSOA, PetrucioLadjanio. Tropeiros ou roceiros? Estudo de uma comunidade rural em Sao Vicente do Serido - PB (1923-1933). Campina Grande: S/e, 2009.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Tipos de entrevistas**. Disponível em <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/entrevistas-tipos-e-conceitos/31154>>. Acesso em 28 de Abril de 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO VICENTE DO SERIDÓ. **Informações do município**. Disponível em <<https://www.saovicentadoserido.pb.gov.br/>>. Acesso em 11 de Agosto de 2020.

RIBEIRO, D. 1995. **O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião: Uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

SACK, R. D. **Humanterritoriality: Itstheoryandhistory**. London: Cambridge University Press, 1986.

Press, 1986.SANTOS, M. A.; JUNIOR, A. Q. S.A Territorialidade e o Território na Obra de Robert David Sack.In:**Geografia (Londrina)**,v.27,n.1, 2018.

SANTOS, Milton. Da cultura à indústria cultural. In: **Folha de São Paulo, Caderno Mais**, 2000.

SÃO VICENTE DO SERIDÓ. **Estados e cidades**. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/sao-vicente-do-serido.html>>. Acesso em 11 de Agosto de 2020.

SILVA, P. J..**Cavalaria Jacuba e a valorização da identidade camponesa: patrimônio cultural e imaterial de Iporá/GO**. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SOUZA, R. L. de. **Festas, procissões, romarias, milagres: Aspectos do catolicismo popular**. Natal: IFRN, 2013.

VECCHIATTI, K. Três fases rumo ao desenvolvimento sustentável: do reducionismo à valorização da cultura. In: **São Paulo em perspectiva**, v.18, n.3, 2004.

WAGNER, P.; MIKESELL, M. Os Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**.2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.